

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa -- 7 de Outubro - 1926

**5 TOSTÕES**



sempre **22**  
**five** sem fumo

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

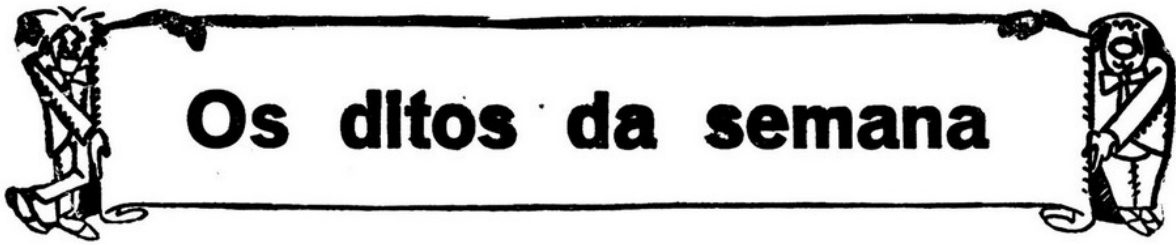
Adminis  
**REDACÇÃO**  
TEL. T.  
RUA DA ROSA, 57

**1910 - 1926**

"Não foi permitido lançar morteiros, mas apenas autorizada a queima de foguetes"



**A comemoração oficial**



## Os ditos da semana

Faz agora anos à Republica — dezeseis, que é nas senhoras a maioridade — e o *Sempre fixe*, sem mau humor, mas sem chalaça, dedica à oficial algumas palavras. Os aliás estão no espirito de toda a gente.

Ao evocar-se o 5 de Outubro de 1910, aparecem naturalmente, e cheios de relevo, alguns dos seus principais personagens.

O tempo tem sido duro com eles, e não dizemos «o tempo e a fortuna», porque para alguns, os mesmos de 5 de Outubro, a fortuna não foi madrastra.

Os nomes mais ativos da data da Republica — desapareceram: Arriaga, Teófilo, Junqueiro, Barros Queiroz, Bazílio Teles, João de Menezes. Muitos! Quasi todos os grandes.

Os restantes — ou estão isolados, os desiludidos, os doentes, os emigrados: Camacho, Afonso, António José, Relvas.

Os que se notabilizaram depois passaram e passam por uma série interminável de intemperies sociais e politicas.

Assassinados, afastados, presos, fugidos, chefes de Governo, presos outra vez, fugidos de novo, de novo chefes do Governo, banidos, etc., etc. — órbita incessante de desaires.



Ela: Eras capaz de te doitar ao mar se tentasse ser o ministro? Ele: Não sei, mas acho que não doitará.

Nestes 16 anos, raros mezes de intranquilidade: revoluções, revoltas, pronunciamentos, movimentos, golpes de Estado, convulsões, tentativas — somam 41 episodios.

E' tudo isto o que se celebra no dia 5 de Outubro de agora?

Não.

O que se celebra é o espirito de 5 de Outubro, as suas esperanças, as suas ilusões e a sua sede de redenção.

A Republica faz 16 anos, atinge a maioridade e... vai de esperanças.

Não é cedo, nem tarde. Vai de esperanças, a tempo.

Os bustos oficiais da Repu-

blica fazem, desta senhora, na simbolica dos escultores, uma figura de matrona, ampla de curvas, seios maternos, ancas roliças, enorme, Maria da Fonte, Padeira de Aljubarrota, antipática, sem beleza, senão subjectiva e inoportuna, carnuda, deselegante, muito em pose.

Nada disso.

A Republica devia ser simbolizada numa menina, um pouco tonta, um pouco gentil, um tudo nada *coquette*, volúvel, infantil, sujeita ás contingencias dos protectores — hoje um, amanhã outro — mas boa rapariga, digna de melhor sorte, e ao cabo de tu-

do digna de ser estimada.

Como entra na maioridade — vai ter juizo.

Todos juram defendê-la e protegê-la, mas todos a tem comprometido.

Os seus erros não são dela; são dos homens, maldita raça, egoista e ambiciosa, que fala sempre em nome da sua menina, mas não lhe tem dado bons exemplos e a tem deixado á matroca.

Ora a Republica, que a vemos de esperanças para melhores dias — tem de se deixar de protectores e governar-se por si propria.

Logo que ela nos dê o fruto dos seus amores com o ideal republicano, baptisando esse fruto com o Espirito Santo nacional, a Republica, a caminho dos dezasete anos, começará a cumprir a sua missão e a infundir respeito.

Até aqui — tudo tem sido creancice.

Hoje, mulher e senhora, é de crer que tenha juizo e põha ponto final nas suas levandades e truculencias.

*Sempre fixe* faz votos pela vitoria do pensamento criador dessa menina — que, como na Suissa, podie ser o anjo da guarda do país — e pede licença para lhe beijar a mão e dizer pela ultiza vez:

—Tenha juizinho...

\*\*\*

## 16 anos



NO ANIVERSARIO DA REPUBLICA

Quem será o homem que salva esta rapariga?



—O sr. já matou alguma cabra montez?

—Tenho muito respeito pelas sogras.



A última e sensacionalíssima descoberta do desportismo indigena não podia deixar de merecer honras do abertura, nesta secção.

Trata-se, nada menos, nada mais, do que do projecto duma corrida pedestriana: Lisboa-Porto e volta.

Total: setecentos quilómetros—que é como quem diz: uma *tanganhada* a pé.

Para corrida pedestre, o título é de arromba: — Lisboa-Porto-Lisboa!!!

Mas, discriminando, deve ser:

Lisboa-Porto—a pé.

Porto-Lisboa—de maca.

O resultado mais *palpatel* da saída do primeiro numero do panfleto *Setas Desportivas* foi, indubitavelmente, um *match* de *box*, realizado á porta do Martinho—e em que Harry Lopes Wills da Silva bateu Manoel Dempsey da Costa, aos pontos, em três *rounds*.

Apesar do resultado favorável, o conhecido *manager* Candido Descamps de Oliveira resolveu reforçar a sua *écure*.

O segundo numero das *Setas* trará no cabeçalho os nomes seguintes:

Director—Agua! o Homem de Figueiredo—121 quilos.

Chefe da redacção—Bazilio dos Santos—108 quilos.

Editor—Viciera Alves—96 quilos, não pesando as mãos.

Acrescenta-se: que o director exercerá o cargo por interinidade, enquanto não regressa do Brasil o Camarão.

Correspondendo a uma prova de tal peso, as *Setas* passarão a chamar-se *Catapultas*.

Ha grande anciedade pela estreia de Bazilio e de Viciera Alves, que veem inaugurar uma nova forma do jornalismo—o jornalismo aquatico, a 63 braçadas por linguado.

\*\*\*

Em resultado de varias complicações politicas e impoliticas, a subscrição realizada entre os socios do Sporting, para as novas instalações—orçamentadas em alguns milhares de contos—não chegou a produzir, em d'nhheiro, uma dezena de mil escudos!

Mas ainda ha confiança! Senão, veja-se este trecho do dialogo verídico e autenticado perante notario:

—Aquilo vai de vento em pó!a's

—Mas, consta-nos que o tal emprestimo interno...



O cosinheiro — Uma pergunta só, antes de nos casarmos: sabes fazer linguado au gratin?

## EPOPEIA LIQUIDA

# D. Antonio I, o Tritão

OU

## De como se vai a nado e sem escala De Vila Franca á Madeira

*Antonio! Por quem és! Deixa-me rir, Comtigo, loucamente... Andaste então o mundo a iludir, dizendo a toda a gente que te ias atirar a Vila Franca?*

*E foste, com certeza! Eu não duvido. Estou a vêr: — A casaria branca; um rosto de mulher, enternecido, á espera que viesse. Tu chegaste como um Deus, como um bem que se deseja, e nas aguas do Tejo te lançaste. Soava meia noite na igreja. Tanto frio que fazia! E á partida, a multidão imensa que assistia disse-te adeus. Naquella despedida que desejos de gloria não havia!?*

*E tu seguiste sempre, Tejo abaixo, numa toada certa e inmutavel...*

*Mas olha, campeão, sabes que eu acho que seria melhor, mais formidavel, mais grandioso, enfim: mais colossal: mais colossal — Antonio! — ouve-me bem; em vez de te atirares naquella local, irs-te atirar para lá de Santarem!*

*Passavas em Aljés. Amanhecia. O "jazz-band" alegre do vapor tocava uma sentida melodia de que não sei o autor. A Estrela, de mascote, te servia, no bofe, onde um bisonho remador remava muito a custo e já suava porque difficilmente te alcançava.*

*E o remador foi-se atrazando um pouco, e o "jazz-band", agora, não tocava...*

*Parou, cansado, o "jazz-band", louco. E o bofesinho já para traz ficava. E, de repente, Antonio — Oh, Antoninho! avaria de péso, no vapor! Que te importou a li? Foste sósinho, seguro e crente desse teu valor — valor nunca igualado, nem p'lo Gama.*

*Seguiste sem ninguem a acompanhar-te! E agora dou a vez ao telegrama, porque me sossobrou engenho e arte:*

*"Madeira — 26 — Chegou agora o Soares, de Lisboa, que outro dia saíra barra fóra. Vinha fresco, bem fresco e parecia que não tinha nadado tantas milhas.*

*Oh Portugal! País das maravilhas! Jardim florido, á beira-mar plantado! Um dos teus filhos — o Soares — conheces? É "az" dos "azes". Tu não lhe agradeces? Fez tantas milhas! Não chegou cansado!*

*E a Mancha! A Mancha! Essa Mancha horrenda, onde se quebrou mais de uma illusão, não a atravessa o Soares da lenha, que a Mancha é estreita para um tal tritão!*

*«...E' mentira! São invejas! Posso assegurar-lhe que já temos dinheiro para fazer um quiosque.»*

\*\*\*

A conhecida *divette* Lina Demoel comprou ha meses um automovel—um *Citroën*.

Aprendeu a guiar, e de então para cá o desporto automobilista não conhece maior entusiasta.

Arrojada—logo nos primeiros dias, depois da compra, e ainda com poucos conhecimentos do volante, começou a passear sósinha no carro, como se a technica do automobilista tivesse para ella menos segredos do que a arte de dizer um *couplet* com intenção.

Até que succedeu o inevitavel—ainda que o menos perigoso dos inevitaveis.

Numa volta para a Rua do Ouro—crémos...—o carro ficou atravessado do forma a produzir uma *embouteillage* no transitio. Acumularam-se outros carros e *side-cars* e electricos—e interveio um policia.

Nesta altura, a artista, tão segura de si no palco, já estava muitissimo pouco segura dos seus nervos. E a alavanca das velocidades parecia-lhe um misterio muito maior que o das *Rosinas*...

O policia, apreciada a situação, aconselhou, delicado:

—Faça marcha atrás, minha senhora!

Mas como se não sentisse capaz de conseguir o que desejava, a artista teve uma ideia genial e... desesperada:

—Esta marca não tem marcha atrás...!

\*\*\*

Em frente do placard do *Seculo*, um grupo de sujeitos do meia idade apreciava, no passado domingo, o resultado da Travesia de Lisboa a nado.

O mais velhote, exaltando as vantagens do desporto, foi categorico:

—*Mens sana in corpore sano*—deve ser a nossa divisa. Pel' parte que me toca, trunho-me de do optimamente com a applicação metódizada do desporto em casa.

«Dantes, só tomava banhos de *sempre*. Agora passei a tomá-los de *cúpio* inteiro, e o que é *cer* é que tenho desenvolvido extraordinariamente os musculos *inter-costais*.

## Rebola-A-Bola.



—Vale bem a pena comprar um automovel de 60 H. P. para andar no "travadinho" dum garrano.

Zé Maria.

# RETROZ PRETO...

PARECE que a pitoresca Figueira da Foz foi na semana passada, por alguns instantes, uma pequena localidade de reconciliação, harmonia e paz teatral.

As figuras representativas de duas companhias de comedia encontraram-se num almoço lauto e copioso: L. S. e A. R. C., R. M. e E. B.

Qual seria a razão do almoço? Protocolo apenas? Duvídimos! Tratado de aliança? Aproximamo-nos! Casamento teatral das companhias—que ficou adiado, suspenso ou invalidado?

Agora não damos opinião. A nossa reportagem não pode ir mais além...



**FRASES feitas:**

- ...Ela está de luto.
- Vestida de encarnado?
- Morreu-lhe o marido!

*Eugene Labiche.*

- Teve o seu primeiro duelo aos deztoito anos e matou o adversario.
- Entrou bem na vida...
- Sim, na vida dos outros.

*Dumas, filho.*



O ACTOR L. P. ficou no Nacional. Um amigo, surpreso da boa nova, perguntou ao artista:

- Então sempre ficaste, hein?
- Um pintor nunca abandona a capoeira.



ESTA' em Lisboa a bailarina Lino Des... Roses.

Tratar-se-ha da creadora das «Roses», que os jornais dizem estar trabalhando, no Rio de Janeiro, com estupendo successo? E' uma graciosa coincidência que não corresponde á verdade, sendo na tradução francesa

dum nome proprio e na legenda florida dum numero celebre.

E a proposito das «Roses»... Dizemos que já foram cantadas no Brasil. No entanto, consta que a L. D. foi solicitada a cantá-las no original...



VEM ahí uma companhia de profos. O tributo da raça negra já se fez sentir em Paris, com Josefina Baker e Florence Milles. Os espectadores devem vingar pela sua bizarrria e complexidade.

Tem uma grande vantagem—a dos nossos artistas não poderem copiar os colegas... por falta de cor...



A ACTRIZ M. S., ingenua que representou em tempos na companhia L. S. E. B., substituiu a assinatura da cadeira de ferro, no P. M., por outra, mas de palha.

Seria por causa do *Sempre faz!* Que a actriz se não melindro, se lhe demos um pouco de comodidade involuntaria.



J. C. recusou a ceia.

Fez bem. Morangos de graça é luxo demasiado! Demais talvez temesse o óculo de Judas, que perdeu Jesus Cristo, na ceia celebre que o levou ao Calvario.

Emfim: comer ou não comer—that is the question!

Desta vez ninguém ficou comido.



BERNARDO Shaw, o grande dramaturgo inglés, escolheu este ano, para se refazer, uma apagada e triste vila da Irlanda, sem pitoresco nem interesse. Um dos seus amigos, Archibald Henderson, que está fazendo a biografia do autor do *Pygmalión*,

foi visitá-lo. Querendo saber do motivo porque Shaw escolhera aquela aldeia tão apagada e monotona, perguntou-lhe:

- Porque veio você para aqui?
- Porquê?... So quero saber se a vida dá-lhe um passeio.

Shaw levou-o então ao cemiterio da aldeia, para junto duma sepultura, onde se lê este curio epitafio:

«... morto aos 50 anos depois de uma breve vida...»

—Archibald, disse Shaw, você não acha que é bom morar numa terra onde uma vida, apesar de durar oitenta anos, é considerada breve, como um rai de sol ou uma lagrima de mulher?



O T. do G. é um teatro unico. Presentemente tem duas companhias. Uma já lá ensaia. Outra, se quizesse, ia para o teatro, porque lhe passaram contrato.

Não estará o empresario nas condições de Buridan, que não sabia se devia comer ou beber na mesma altura?



CONTA-SE—e é verdade—que uma atrizinha de revista, regressada ha pouco do Brasil, resolveu fazer um beneficio no Rio, dedicado por sinal a um grupo desportivo.

Para o dia festivo ensaiou varias danças modernas—*charleston, shimmy, fox-trot, one-step*, etc.

Chegou a noite do espectáculo. Plateia repleta de admiradores. A festa-jada surge no palco o marca, apocaliticamente, uma das tais danças modernas. No ultimo passo, olhou para o publico, esperando as inevitaveis palmas. O publico olhou para ela, um pouco estranho á coreografia apresentada, e esqueceu-se de a aplaudir. A festejada entrou nos bastidores, um pouco perturbada. Recobrou, porém, o sangue-frio e, voltando á boca da

scena, explicou com gentil ingenuidade:

- Foi o que se pode arranjar!
- O publico não resistiu á tamanha sinceridade. Aplaudiu sem reservas.



O E. T. descobriu agora uma famosa maneira de reclamar o *Sobor de Moicanos*. Em vibrantes clarins, toca a recolher, de dia e de noite. Como a época é de espirito militar, achamos bem que se decrete ao publico o recolher ao Eden sob pena de morte.

Mas cautela com os movimentos contrarios!



O DRAMATURGO A. C., autor da *Zilda* e do *Ludo*, tem uma peça pronta para este inverno, que será representada no T. P. Intitula-so *Lourdes*.

Será um milagre de talento?



O REGRESSO dos empresarios. No dia 7 chega o J. L.

No dia 14 desembarca o A. M. E digam depois que não é uma utilidade a linha de navegação para o Brasil...



CONSTA que a actriz L. C. abandona o teatro em Dezembro. Irá para ares?



O POETA S. T. foi ao norte proibir a companhia M. L. de cantar a *Es-piga*.

Muito padeco um revisteiro quando tem talento. Até tem que fazer do policia!

**O Homem das 5 horas**

## Animais nossos amigos



O tio Manuel que precisava transportar-se com urgencia para a cidade...



... foi pedir um burro emprestado ao seu compadre Jeromimo. Este, oferecendo-se em lugar do animal...



... para o que fosse preciso, declarou que o "Ruço" tinha ido acompanhar a comadre Jacinta, á vila...

# O PRATO DE SONHOS

## 26.º sonho

o de Ricardo Covões

Na seu escritorio estava a risonhar  
o bom amigo Ricardo Covões  
e, pelo circo fóra, o farfalhar  
era tal qual o ranceo dos leões...

O sonho era bueiro e as vozes  
cambal de nós podia alicianhar  
"E que acordou e veio declarar  
a ell medico das preoccupações..."

Não era das finanças da empresa  
a causa desta estorva rouadeira,  
pois nessa temença, em barba, com cor  
teza,

Mas como arranjar tanta variedade  
pra pôr S. Carlos lindo p'la limpeza  
que uns outros transformaram em lixeira.

## 27.º sonho

o de José Climaco

(vendedor de morangos por grosso no Eden Teatro)

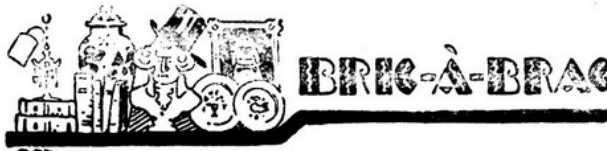
O Climaco, num sonho assaz magano,  
depois do pleno agrado do Cabaz,  
por ser muito modesto e bom rapaz,  
as glorias dividio num gesto humano!...

Senhou e fê-lo!... Ou ele ha tanto ano,  
já entre mil agruras, pertinaz,  
não visse que a vaidade nunca traz  
prezentos neste meio tão tirano...

E ao despertar co'as palmas no alcorço,  
parece que a sorrir, lhe ouvi dizer  
a frase que se segue e é um colosso:

—Se a peça me caísse, quero crêr  
que em vez da tal ideia do almoço,  
ninguem me dava um pão para comer...

O' Mãe Cristo Neto.



# Num aniversario

Na sua curta vida acidentada  
Pelos sarampos mais republicanos,  
A Republica, coitada,  
Lá conseguiu, muitissimo massada,  
Fazer os dezasseis anos.  
E como protegeu a tantos entes  
E fez varios presidentes,  
A Republica chega á puberdade,  
E uma chusma de brindes e presentes  
O palacio lhe invade:  
Cunha Leal, que adora esta Republica,  
Que vê a pedir esmola,  
Deu-lhe os cargos da sua vida publica,  
Fóra o lugar d'Angola.  
E, como ela, «coquette», os olhos orla  
Com lapis negro, e usa pó d'arroz,  
Brito Camacho supoz  
Que seria gentil dar-lhe uma borla,  
Como sinta saudade em seu retiro  
De tão republicanas ilusões,  
O Alfredo Pimenta deu-lhe um tiro  
De vinte e cinco tostões.  
José Domingues dos Santos,  
Que anda por todos os cantos  
Mudando a expressão do rosto,  
Depois de desgostos tantos,  
Lá lhe deu... mais um desgosto!...  
A lista dos presentes é tão extensa  
Que não cabe em columnas de jornais;  
É a essa lista imensa  
Fomos, decerto como o leitor pensa,  
Buscar os principais.  
Como os presentes tenham sido em barda,  
**Sempre fixe**, o maior dos pobretes,  
Vai oferecer-lhe um brinde que lhe tarda,  
É que é um cão de guarda  
P'r'a livrar dos ladrões.

João Fernandes.

# O PRATO DE SONHOS

## 28.º sonho

o de Eduardo Schwalbach

(com todo o respeito e consideração)

Foi isto—mais que um sonho—um pesadelo  
que teve o meu amigo meu Schwalbach  
P'ra ser real, teve a alma quasi a saque,  
para saldos meus não fazerem bom cabalo...

O MESTRE que escreveu esse conto de  
testas que o Zé pôs como um lanchete,  
malta que, estalado agora no trapico,  
dormilou-se a dormir a capacidade...

Foi até uma revista das modernas  
e rebuseo, no todo o seu modo;  
avisa os puberões, em nuas pernas,  
Tudo amassado em uma cruda bala,

a Imprensa a dedicar-lhe frases ternas  
e o Zé Pavinho a rir, um riso tãlo!!

## 29.º sonho

o de El Terribel Perez

Sonaba en una noche, Perez, el Terrible,  
que de Oporto, el pueblo entero  
quisiera ver, otra vez, a Don Cañero,  
pero—digo Rogerio— es imposible...

Su intencion era buena y sensible,  
pues no fué la question de dinero,  
ni que le desen un malo ganadero  
porque el suceso seria infalible.

Y todo esto por la fecha desdichosa  
en que Cañero, de verdad, tanto sufrió  
al campinar en la plaza de Arriba.

... ..  
Bendito sea Dios que la incendió!  
... ..  
Hagan—digo él—una otra mas hermosa  
que allá ira Cañero y... tambien yo!...

O' Mãe Cristo Neto.

# Animais nossos amigos



Estavam ambos a considerar as desvantagens do caso, quando o Ruço, atacou o primeiro compasso dum "jazz-band", africano...

—Se não me engano, é ele?  
—Estás enganado, homem!  
—Aquilo é o meu filho a estudar para doutor.

—Não é!  
—E'. Se te digo que não está é porque não está. Tu não vais dar mais crédito ao burro do que a mim!

SALVEMOS OS RAPAZES!

PATRIOTA SINCERO

CANÇÃO NACIONAL

# Como eles se perdem

# Conversa rápida num "rapido,"

# Os fados dos bairros

## O do bairro da Esperança

Por ser verde a côr do mar,  
onde o barquinho balança,  
a varina foi morar  
para o Bairro da Esperança.

Se a cança quando sai  
traz o peize em quantidade,  
a varina a correr vai  
pelas ruas da cidade.

### Estrilho

E a apregoar  
por aqui e acolá  
—O' cachucho! O' pescada!—  
lá vai ela a palmilhar.  
Mas se a petinga  
do vapor,  
no San João  
pinga  
no pão;  
Com 'talinhos  
nos dedinhos  
vai bater co'o seu amor  
a tamanquinha no chão.

### II

Ela espera mas alcança  
Colher das lides o fruto,  
ou não fosse a Esperança  
da varina, o seu reduto.

E' na esperança que confia,  
do amor os seus encantos,  
até ir em certo dia  
esperar o Padre a Santos...

### Estrilho

E a apregoar  
por aqui e acolá  
—O' cachucho! O' pescada!—  
lá vai ela a palmilhar.  
Mas se a petinga  
do vapor,  
no San João,  
pinga  
no pão;  
Com 'talinhos  
nos dedinhos,  
vai bater co'o seu amor  
a tamanquinha no chão.

(Vá lá isto, apesar de me venderem  
o peixe muito caro...)

Reporter B.



Um cometa moderno

Pulámos...  
Entre a copiosa correspondência do expediente, havia uma carta perfumada. Naturalmente, a graça perdida atraía o espirito de uma gentil leitora do *Sempre fixe* e... estavam fixos. Mas não. A missiva, embora embebida em perfume, pertencia a cavalheiro que, entre outras coisas, se intitulava uma alma em extasi...  
O cavalheiro do alma perfumada pediu-nos uma entrevista.  
Puzemos o lapis de prevenção e partimos.

Um pequeno suspiro como que sauda a nossa chogada.  
—Veio! E' muito gentil...  
Passámos á morna macieza duma sala azul.

—Não o incomoda o perfume, não? Poi: pei a intervenção dum redactor do *Sempre fixe* porque os meus nervos necessitam dum humorista.

Puxámos do lapis avantejado.  
—Rir é castigar e a minha alma, sangrando, precisa de castigo. Preciso de salvar-me.

—E v. ex.ª entende que, indo ao cinema... dos humoristas se salvará...  
—Oiga... oiga o meu segredo. E' preciso acudir nos rapazes, que não tem recursos para se salvarem como eu. Chegou a hora da humildade. Por mim, poderei salvar-me porque partirei para o estrangeiro, e vou para um convento. Mas os outros? Os que continuam perdendo-se? Só eu sei o seu segredo. Seria bem feliz se fosse eu, o peador, quem os salvasse. Só eu sei o segredo, só eu sei como eles se perdem. O'ca... Muitos não pecaram a não ser na vaidade de se tornarem notados. São as seduções do mundo que os estontearam. Em pequeninos, nós gotavamos muito do conviver com as raparigas, que até fazíamos as bonecas para elas brincarem. Elas é que nos abandonaram, elas é que não queriam brincar connosco, pondo-nos de parte. Começa desde então a nossa triste vida.

Um suspiro.  
—Ah! Não imagina, quando pela primeira vez ouvimos esta terrível palavra: «Márcia-b...»

Novo suspiro.  
—Elas é que começaram por nos perder. Elas é que são culpadas.

—E depois?

—Abandonadas, as seduções do mundo perderam-nos. Ninguém reparava em nós, nos nossos versos, nos nossos trajes. Então começámos, é o nosso pecado, a ceder á moda. Era preciso estilizar atitudes, para estar com a nossa esposa, com a literatura da tem, e. Quanto mais perverso, mais interessante, e nós, almas delicadas, espiritos de arminho, fomos muito perversos, pintámos-nos, vestimos-nos como as mulheres, e por arte, por civilização, por literatura... pecámos, e até furiosamente fingimos que pecámos.

—E agora?

—Sou a hora da humildade, do arrependimento. Por intermedio do *Sempre fixe*, apelamos para a nossa salvação. Como não há conventos, poderemos dedicar-nos a fazer obras de caridade, num lugar para esse fim destinado, onde poderíamos dedicar-nos a confeccionar roupinhas e enxovais para as pobres raparigas que se redimissent. Só esta humildade nos salvará do peccado do mundo e é tudo quanto a minha alma, numa hora de extasi, concelou para salvar es pobres rapazes a quem as raparigas nunca quiseram perder.

V. Claro.



- Por quem está de luto?  
- Pelo meu marido!  
- Que sorte tenho, hein? Quando penso que por um triz estive para casar consigo!...

Ainda me recordo: eram seis os passageiros do compartimento de primeira classe que escutavam com enlevo as predicas intensamente moralizadas dum homem de quarenta anos, cujas feições dignas e severas mais pareciam arrancadas dum compendio do moral para uso das escolas religiosas do que oriundas da união de dois seres da nossa especie.

O sr. João Nobre Sério—assim disse chamar-se o intemperato moralista do «rapido» do Porto—teve ao chegar a Alverca o seu primeiro comentario, flagelando a aviação militar, que na sua pista, frente ao hangar, tinha os aparelhos ao sol:

—Mal empregado dinheiro que ardo em gazolina, se gasta era aviões e se desperdiça em vencimentos de pilotos.

Um dos passageiros, um sujeito gordo e panchorronto, que tinha repouso no seu ventre bojudo uma bengala que a comedia Lisboa de 1890 muito admirou, retorquiu com lentidão:

—A aviação é util no país, é um dos sinais característicos das nações que não andam de candeias ás avessas com o progresso.

Réplica veemente do sr. Sério:

—Que utilidade pode acarretar para o país que se consuma improduttivamente, a mil metros de altura, uma verba importante? Felizmente, ainda nem todos estão atacados da vertigem das alturas... Os aviadores, se querem passear, que façam como nós, que pagamos á nossa custa os comboios, os taxis, os barcos, os siderecar, os electricos e os ascensores. So houvesse um governo enérgico, a aviação militar seria «civilizada»...

—Civilizada??—inquiriu o passageiro gordo.

—Sim, «civilizada»; isto é fazendo o serviço civil e postal, levando aereamento a correspondencia a todo o país. Com isso até lucravam os jornais, que ainda chegavam, humildes do prelo, nos pontos mais reconditos do país.

Todos concordaram, o que animou o nosso moralista a anatematizar, quando o «rapido» deixou para trás, veloz e indiferente, a estação do Cartaxo.

—Maldita região!  
Um passageiro, magro e nervoso, interrogou trocista:

—O Cartaxo fez mal á abeça?

O sr. Nobre Sério empertigou-se:

—O vinho do Cartaxo tem uma elevada graduação alcoolica: desgraçou muitas familias e convem não esquecer que muitos pais geraram seus filhos debaixo duma grande embriaguez. E, devido a esta região, a nossa vida politica, economica, social, financeira e literaria faz-se sêbre a nefasta acção do alcool. Um certo numero de decretos e de leis que o *Diário do Governo* tem inserido tem uma só deculpa: os seus autores tinham o cerebro volatizado pelo «carrascão» do Cartaxo. Se eu fosse

Governo, mandava deitar agua no vinho, porque com agua ninguém se embebeda, a não ser algum taberneiro a quem os lucros do vinho tenham subido á cabeça...

O sr. Sério, ao deter-se o «rapido» em Coimbra, estendeu o braço em direcção á Universidade e bramiu:

—So houvesse vergonha, já a tinham fechado. Temos doutores a mais, estamos fartos de bachareis até aos olhos. So não existissem tantos advogados sem clientes, tantos medicos sem doentes, tantos professores sem alunos, não haveria tantas revoluções sem honestidade, sem objectivo e sem patriotismo. Os estudantes, em vez de se encontrarem á sombra do Minerva, deviam apegar-se á raçica do arado... seriam lavradores e não bachareis, cultivariam a terra e não o codigo penal, tanto mais que o futuro do Portugal não está na sciencia mas na produção do azeite e das batatas. Somos um país essencialmente agricola, que a «bacharelise» indigena» ameaça subverter...

Os passageiros concordaram, resmungando que, de facto, os bachareis pululavam nas cidades, improduttivamente.

Espinho appareceu de subito a irritar o nosso Sério moralista que, fitando com insistencia a frontaria feia e monotona dum casino, lavrou alto um enérgico protesto:

—Joga-se ali a honra das mulheres, a dignidade dos homens e a miseria dos proletarios. E ha quem, tendo negado á miseria dos sinistrados do Faial uma cedula insignificante o suja, vá ali deixar contos de réis, destinados a manter na derassidão os escrocos da roleta.

«Se eu fosse Governo, já ha muito teria mandado todos os jogadores e todos os banqueiros para os sertões africanos, onde se poderiam tornar valiosos cidadãos e utilissimos colonos.

Os passageiros desta vez não concordaram nem discordaram. O sono a que estes discursos os tinham arre-messado forçou-os a ser neutrais. Porém, estava-lhes reservada uma surpresa quando o «rapido» os acordou, ao parar em Campanhã: dois sujeitos mal encarados, mal vestidos e malcreados entraram inopinadamente no compartimento. Um deles agarrou sô-frego, pela gola do casaco, o sr. Sério, e o outro interpelou-o com rudoza, nestes termos:

—Estás com pouca sorte, Joaquim Aldabão. Desta vez nem chegas á Praça da Liberdade porque vais «afilado» para Lisboa ainda esta tarde.

Os passageiros olharam estupefactos o suposto Sério. Mas este, imperturbavel, volven-lhes com um ar cheio de dignidade:

—Perco a liberdade porque não quiz, com quinhentos escudos, corromper estas duas consciencias policiais...

## Reflexões de uma "papillon"



Salvem os raparigas!  
—E' que não sabem o que custa esfregar uma casa...

# Verdades DOS DOIDOS DE LISBOA

Lisboa está de tal maneira transformada numa terra da malucos que aqueles que ainda toem algum juizo correm sério risco de totalmente o perderem.

Parece que, de alto a baixo, passou uma onda de loucura que amachuçou os miolos a toda a gente.

Nenhuma classe escapou a esta epidemia. E, assim, temos a mostrar por ahí todos os dias a sua anormalidade, desde os tipos da politica e da policia até aos tipos de rua.

E está de tal maneira generalizada a maluquice indigena que, quando se fala dum politico, dum official, dum revolucionario, dum escritor, já é vulgar dizer-se:

—Fulano de tal é maluco, mas é bom homem. Sierano é maluco, mas é *tesissimo*. Mengano é maluco, mas tem muito talento...

Ora digam-me lá se não é digno do manicomio aquele official que, com setenta praças, quiz fazer uma revolução?

Ora digam-me se não era doído aquele ministro que mandou a um pais forte um *ultimatum*, ameaçando-o de o riscar do mapa se não tomasse determinada medida.

\*\*\*

Mas deixemos todos esses casos de loucura—que, quando se refere a escritores, politicos, militares e magistrados, é considerada *neuropatia*—o dediquemos duas linhas aos malucos populares de Lisboa:

Morreu o *Menino do Castelo*, mas por cada maluquinho que morre, surge uma duzia.

O *Pinheiro Maluco* é já considerado como instituição nacional. E, depois do cartão que o sr. Ferreira do Amaral lhe passou, diz-se—o não nos repugna acreditá-lo—que os seus discursos vão ser impressos e adoptados nas escolas officiaes, onde os pequenos cantarão, com musica de *O' escolas*, *semeai*:

—O' seus porcalhões dum povo! O' suas desvergonhadas!...

Ha o clarim que se perfila e faz a continencia a toda a gente.

Ha o que imita os toques militares e as vozes do comando.

Ha o que tira o chapéu a quem passa.

Ha o que atravessa por meio dos transeuntes, a noventa á hora, atropelando todos e imitando o silvo dos comboios.

Ha o que grita, bradindo a bengala, á pasagem dos electricos:

—Tenho ordem do commandante do infantaria 1 para mandar fuzilar todos os guarda-freios e prender todos os policiaes.

E ha, finalmente, o que, depois de chamar tudo quanto ha aos policiaes, termina com entusiasmicos vivas ao sr. Ferreira do Amaral.

E' verdade:

—E porque será esta simpatia mutua entre o valente combatento da Flandres e os pobres malucos que para ahí andam?

Um como ha muitos.

# O INVENTOR do "jazz-band" FOI UM PORTUGUÊS amigo de Wilson

O inventor do *jazz-band* foi um portuguez. (Pode limpar a flauta á parede, que fez obra assada).

Vivendo durante longos anos na America do Norte, conquistou fama e dinheiro.

Um dia morreu e o seu corpo jaz no cemiterio de Fall River, á sombra de dois melancolicos ciprestes.

\*\*\*

Como nasceu o *jazz-band*? Vivia numa aldeia do Minho, entre as frondosas latadas que dão o vinho verde, um portuguez de nome Silveira. A vida não lhe corria mal. Musico de profissão, andava de romaria em romaria—tocando seto instrumentos, desde o bombo ao clarinete.

Silveira era disputado por todos os mordomos das festas minhotas, onde o arraial mete fogo de vistas e musica de arromba.

Andava a cavallo, para conduzir com mais facilidade o largo instrumental. Em dia de festa, mal se avistava á entrada da aldeia o bucefalo do artista, a noticia corria ligeira por toda a povoação:

—Chegou o Silveira! O Silveira já cá está! Ainda bem que temos este ano o Silveira!

E as raparigas batiam as palmas de contentamento, na doce esperança de dar á perna na quermesse ruidosa do bailarico.

Mas um dia—ai, pobro pequenas!—Silveira não voltou. O seu clarinete deixou de se ouvir nas noites alegres de romaria. O bucefalo morreu de tristeza, á porta dum cemiterio.

Soubes-se mais tarde que Silveira tinha embarcado para a America, onde ia tentar fortuna. Um irmão que se tinha estabelecido com loja de algibebe do lado de lá do Atlantico abriu-lhe os braços:

—Vem, mano Silveira!

E Silveira foi. A principio, a vida sorriu-lhe. O irmão era bastante fraternal. Comiam todos na loja do algibebe. Mas um dia, zangado com o mano, viu-se sem um dollar na algibeira e sem trabalho. O que havia

de fazer? Lembrou-se do clarinete. E fez-se contratar para um café dançante de Fall-River.

Que grande ideia! Silveira tocou os seus seto instrumentos. O tio Sam aplaudiu. Levaram-no ao colo, em triunfo. Estava inventado o *jazz-band*.

\*\*\*

De Fall-River partiu para os outros Estados da União. Nova York abriu-lhe os braços. Wilson, que andava então empenhado em fazer o concerto das Nações, quiz conhecer Silveira. E o inventor do *jazz-band* entrou um belo dia na Casa Branca pela port. dos triumphadores.

O idealista da Liga das Nações caiu-lhe nos braços. Por esse tempo, Wilson tinha já regressado da Europa e os seus ingratos compatriotas receberam-no com seto pedras na mão.

—Silveira, disse o presidente, somos dois irmãos. Se tu inventaste o *jazz-band* do clarinete e do bombo, eu inventei o *jazz-band* das nações. Com uma differença, meu amigo: tu continuas triunfante, a tocar o teu clarinete onde melhor te pagam. A mim, voltaram-me as costas e já nem me deixam tocar o clarinete da paz.

Com seto notas musicais, realisaste o milagre de vender alegria aos americanos. Eu, com seto notas diplomaticas, lavrei a minha sentença de morte. Adeus, Silveira! Lembra-te sempre de Wilson, aquele que pretendia lançar do alto da estatua da Liberdade a pomba branca da paz. Afinal, o que eles queriam era Silveira, era *jazz-band*.

Uma lagrima furtiva assomou no olho direito de Silveira:

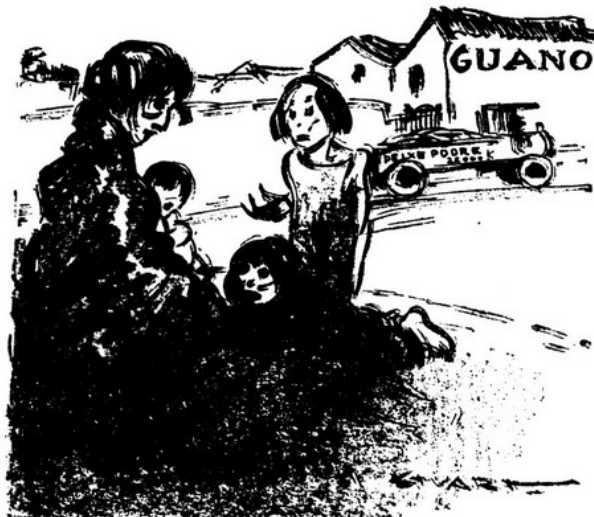
—Adeus, velho amigo! Havemos de encontrar-nos ainda no outro mundo. Se o Padre Eterno der licença, organizaremos um *jazz-bandesinho* para as familias que veraneiam no Parai-zo. Eu toco flauta. E tu?

Wilson, desiludido, respondeu com um sorriso triste:

—Eu toco os timbales.

Reporter O. N.<sup>2</sup>

## As sombras da desgracia



Emquanto os meus filhos morrem de fome, o peixe vai ás toneiadas para o guanoll...

# Historia DUM ANIVERSARIO

Completo-ante-ontem 16 risnhas primaveras a menina Republica da Ditadura Rotunda Monsanto de Vlnhais e Chaves, filha legitima do nosso amigo sr. Zé Povinho de Portugal e Ruas e de D. Revolução Triunfante de Machado Santos, nascida fóra do horas, nas terras do Parque Eduardo VII, depois dum laborioso parto, com varias intervenções chirurgicas, em que teve de ser tirada a ferros e a fogo de canhão.

Para festejar o glorioso aniversario, reuniram-se, numa chocante e enternecedora confraternização os amigos e inimigos da familia da formosa menina, caprichando cada um por sua parte em dar o maior lustre á festa intima que ontem se realizou.

Foram prohibidos os morteiros com que todos os anos costumava festejar-se est. data, porque nenhuma das pescas empenhadas em dar o maior brilho á esta celebração precisava de despertador que lho annunciasse o raiar do jubileo dia, nem havia vantagem alguma em acordar, com estupidas detonações, sentimentos que estivessem assolapados, além de que es promotores da festa, por justos melindres, desejaram que o dia 5 de Outubro decorresse com tamanha calma e serenidade que não lhes fosse possível evocar a ruidosa noite em que a menina veio á luz e tantos amargos de boc. lhes deu.

O tutor da menina, ausente em Farnalicio, não pôde assistir á comemoração em virtude de incompatibilidades de familia, mas tencionava representar-se por um seu proximo parente se este regressasse a tempo dos Açores, onde foi buscar um bastião que pertenceu ao marechal Saldanha.

\*\*\*

Na residencia da festejada toem sido recebidos inumeros presentes, dentre os quais destacamos os seguintes:

Do parente que está nos Açores, uma garrafa de cognac três estrelas; dum amigo da casa, um lindo ramo de rosas encarnadas, com fitas verdes, trazendo modestamente escondido um brinquedo em forma de punhal de cortar papel de decreto; da S. D. N., um rico lenço de assoar em forma de guardanapo; do sr. Antonio Maria da Silva, um óculo de grande alcance, para quando a menina o quizer vêr; do sr. coronel João de Almeida, um guarda-joias com a legenda seguinte em filigrana: «Nunca des commandante Cabeçadas, uma colleção de bilhetes de ida e volta para a Amadora e Sacavem; duma familia da travessa do Embaixador de Inglaterra, o autografo de uma carta de recomendação de D. Manoel, considerada de grande valor; do sr. dr. José Eugenio, um grande balú cheio de ilusões; do sr. commandante Filomeno da Camara, um exemplar do livro do sr. Cunha Leal, etc., etc.

As festas não foram abrilhantadas pela banda do Trovical porque esta já está tudo hantado e hantado.

O. N. N. N.

# A ACTUALIDADE



**A Indiferença mascãra a Miséria**

(PARÓDIA - 26 Junho 1901)